

Em direção a uma sociologia comparativa da valoração e da avaliação¹

Michèle Lamont²

Seja tudo o que você pode ser.

- Slogan de recrutamento do Exército dos Estados Unidos

1. Introdução

Relevância Social

Nos últimos anos, questões relacionadas ao desempenho e a sua avaliação têm recebido maior proeminência acadêmica e social. Junto ao neoliberalismo e a expansão do fundamentalismo de mercado (SOMERS e BLOCK, 2005), os Governos atentaram para novas ferramentas de gestão pública com o intuito de garantir melhor eficácia, culminando na rápida difusão de medidas quantitativas de desempenho e de *benchmarking* e produzindo efeitos estruturantes importantes em uma gama de instituições e de domínios da atividade humana (ESPELAND & STEVENS, 2008; LASCOUMES & LE GALÈS, 2005; POWER, 1997). Nos domínios da governança e da educação superior, por exemplo, a partir da publicação de um influente relatório do Banco Mundial sobre as “universidades de alto-nível” [*world-class universities*] (SALMI, 2009) e sobre a criação de “iniciativas de

excelência” [*excellence initiatives*] acadêmicas em países da União Europeia, especialistas europeus e asiáticos realizaram uma série de conferências a respeito das melhores práticas de revisão por pares [*peer review*] considerada como um parâmetro importante para a excelência em pesquisa. Este enfoque caminha de mãos dadas com a internacionalização e padronização das práticas científicas e de educação superior (MEYER ET AL, 2007).

O crescente interesse na prática da avaliação também se manifesta em estudos sobre a desigualdade e a meritocracia: nas sociedades industriais avançadas, pais de classe média apresentam maior propensão a preparar seus filhos para um mundo de competição mais acirrada, e para isso, investem recursos significativos em educação suplementar e em atividades extracurriculares que consideram essenciais para garantir a reprodução de suas posições de classe (DIERKES & BRAY, 2011; LAREAU, 2003). Estes investimentos são cada vez mais associados às oportunidades que aparecem durante a vida (RIVERA, 2011).

Com o crescimento da desigualdade de renda e com a tendência para uma sociedade em que “o vencedor leva tudo” [*winner-take-all-society*] (FRANK, 1995), compreender as dinâmicas favoráveis e contrárias à existência de hierarquias múltiplas de *worth*³ ou sistemas de avaliação (ou seja,

¹ Este artigo foi originalmente publicado em inglês com o título “*Toward a Comparative Sociology of Valuation and Evaluation*”, na *Annual Review of Sociology*, Vol. 38: 201-221, Agosto de 2012. Traduzido por Marina de Souza Sartore. Revisado por Elaine da Silveira Leite.

² Department of Sociology, Harvard University, Cambridge, Massachusetts.
Email: mlamont@wjh.harvard.edu

³ Segundo o dicionário *online* Cambridge, *worth* (adjetivo) significa “possuir um valor particular, especialmente em dinheiro”. Segundo o *The Free Dictionary* (Farlex), *worth* enquanto substantivo pode

heterarquias ou plurarquias [*plurarchies*]) é mais urgente do que nunca. Na verdade, a coexistência de matrizes múltiplas de avaliação é uma condição significativa para uma maior resiliência social (associada a uma melhor distribuição de recursos), especialmente em um contexto como o dos Estados Unidos onde um número cada vez menor de indivíduos pode almejar alcançar os padrões de sucesso socioeconômicos que são associados ao mito nacional e dominante do Sonho Americano [*American Dream*] (HALL e LAMONT, 2013).

Perante este cenário, é imprescindível que diversas questões sejam levantadas. O que pode ser feito para garantir que uma proporção cada vez maior de membros da nossa sociedade possa ser definida como merecedora de atribuição de valor [*valuable*]? Quais tipos de instituições e repertórios culturais podem ser implementados para sustentar as heterarquias? Sob quais condições, a inclusão cultural (sendo definida como *worth*) pode influenciar o acesso aos recursos materiais e simbólicos? Estas questões podem nos ajudar a entender o impacto das definições dominantes de *worth* e de cidadania cultural, assim como as suas implicações nas discussões sobre a xenofobia, o racismo, a solidariedade direcionada aos pobres bem como nas atitudes voltadas para a redistribuição dos recursos públicos. Embora a Sociologia da Valoração e da Avaliação (SVA) [*Sociology of Valuation and Evaluation*

(*SEV*)] seja pouco conectada com estes tópicos “quentes” da sociologia em geral, ela pode ser útil para a compreensão das dimensões culturais ou organizacionais de todos os tipos de processos de categorização, bem como para conectar a microdinâmica da exclusão com as macrodefinições da comunidade simbólica e com padrões de demarcação de campos de conhecimento (*boundary work*). De fato, a valoração diferenciada de identidades coletivas geralmente envolve privilegiar matrizes de valor compartilhadas [por exemplo, o caráter moral em detrimento do sucesso econômico (LAMONT, 2000)]. A SVA envolve também uma negociação através de interações cotidianas sobre os significados negativos associados a um determinado grupo (LAMONT e MIZRACHI, 2012). Isto justifica a relevância social desta proposta que visa um melhor entendimento dos processos que sustentam as heterarquias.

Portanto, estimular o desenvolvimento da SVA é relevante para a compreensão de alguns dos principais problemas sociais que a sociedade contemporânea enfrenta. Encontrar respostas para tais questões requer um olhar mais próximo sobre as formas de difusão de modelos de organização social que sustentam tanto os sentidos do reconhecimento social quanto as definições pluralísticas de valor social. Mas, antes de tudo, é necessário um melhor entendimento dos processos e

significar (1) Uma qualidade que torna algo desejável; (2) Valor de mercado ou material; (3) A quantidade de algo que pode ser comprado com certa soma de dinheiro; (4) Riqueza (5) Mérito. Como adjetivo, o termo pode significar (1) Igual a algo especificado, em valor; (2) Merecedor; (3) Pessoa que possui certa

riqueza. No presente texto, traduzi a palavra *value* por “valor” e optei por deixar a palavra *worth* sem ser traduzida, podendo significar valor ou mérito, de acordo com o contexto em que está escrita (*nota da tradutora*).

práticas de valoração e avaliação – ou seja, capinar [*clearing the brush*] em torno de um objeto sociológico complexo, escorregadio e muitas vezes impreciso. Este é o grande desafio dessa revisão.

Relevância Teórica

Nos últimos anos, os cientistas sociais têm demonstrado um crescente interesse no estudo dos processos sociais básicos (por exemplo, TILLY, 2008)⁴. Valoração e avaliação estão certamente entre estes processos básicos, juntos com a demarcação de campos de conhecimento, standardização, comensuração, diferenciação, fechamento e exploração. Apesar de não termos um subcampo rotulado como SVA, um número significativo de pesquisas norte-americanas e europeias têm se preocupado com a questão de como o valor é produzido, difundido, estimado e institucionalizado em uma variedade de contextos. De fato, pode-se facilmente identificar um número até significativo de referências na literatura que considera a questão da valoração e da avaliação por ângulos diferentes, a saber:

1. Sob a influência do trabalho de Bourdieu (1993), sociólogos da cultura têm desenvolvido estudos sobre a valoração cultural dos bens simbólicos e das práticas sociais – por exemplo, artes cênicas (SHRUM, 1991); filme (BAUMANN, 2007); literatura (CORSE & GRIFFIN, 1997; GRISWOLD, 1987); música (DOWD ET AL. 2002; REGEV & SEROUSSI, 2004; SANTORO, 2010),

cultura popular (ILLOUZ, 2003), e esporte (ALLEN & PARSONS, 2006; ver também DIMAGGIO, 1987).

2. Sociólogos da economia têm analisado os mecanismos dos mercados para a produção de valor (por exemplo, ZUCKERMAN, 1999) assim como o processo de comoditização através do qual os objetos se tornam passíveis de valoração e troca no mercado (por exemplo, CARRUTHERS & STINCHCOMBE, 1999; ZELIZER, 1979, 2011).

3. Sociólogos do conhecimento e da ciência têm considerado o crescimento e o declínio das ideias e reputações intelectuais (por exemplo, COLLINS, 1998; GROSS, 2008; LAMONT, 1987; LATOUR, 1988, WUTHNOW, 1989), os efeitos de *bandwagon* nos campos científicos (FUJIMURA, 1988), assim como a institucionalização dos campos acadêmicos.

4. Pesquisadores da desigualdade têm estudado a distribuição do status e da honra social (ABBOTT, 1981; COLLINS, 2004; RIDGEWAY, 2006; SAUDER, 2006; ZHOU, 2005) e as várias definições de mérito dentre os grupos sociais (LAMONT, 1992; 2000; PRASAD ET AL, 2009).

5. Psicólogos sociais têm estudado como a identidade social tem recebido certo valor e significado a partir do uso de comparações (ver ASHMORE ET AL, 2004, para uma revisão sobre o tema).

⁴ Processos são diferentes de mecanismos porque não se referem a uma relação causal entre dois fenômenos desconectados (A causa B), mas são partes de uma sequência que contribui para um caminho causal. Sobre mecanismos, ver Gross (2009, p. 364); sobre processos, ver Tilly (1995), Hall (2012). O nosso

interesse em processos é análogo ao de Lamont & Molnar (2002) no que diz respeito às propriedades e aos mecanismos para a produção e a reprodução de demarcações (veja também PACHUCKI ET AL. 2007).

6. Sociólogos das organizações têm analisado como uma novidade (por exemplo, em governança) aparece e como ela se generaliza (CAMPBELL, 1997), e como ferramentas de medição e entidades são selecionadas, quem sobrevive e como a ordem se estabiliza. Eles também estudaram declínios em popularidade (por exemplo, RAO, 1996, SALGANIK ET AL, 2006, STRANG & MACY, 2001), categorização (ver NEGRO ET AL, 2010 para uma revisão), novidade e *worth* (HUTTER & THROSBY, 2008; MUETZEL, 2011; STARK, 2009).

7. Um crescente número de cientistas sociais europeus tem estudado a pluralidade de regimes de valor, incluindo as transições entre regimes (BECKERT, 2008; BECKERT & ASPERS, 2011; BOLTANSKI & THEVENOT, 2006 [1991])⁵.

8. Em paralelo, um número crescente de cientistas sociais norte-americanos tem estudado a lógica institucional nos estudos organizacionais (FRIEDLAND & ALFORD, 1991; também LOUNSBURY, 2007; THORNTON & OCASIO, 1999; THORNTON ET AL, 2012).

Estas várias literaturas não estabelecem um diálogo sistemático entre si e funcionam muito mais como silos independentes, definidos por diferentes núcleos substantivos, institucionais ou redes de interação social. Da perspectiva da sociologia dos processos sociais, os principais desafios são aqueles que comparam os estudos individuais preocupados em compreender processos

similares com o intuito de especificar exatamente se e como cada estudo pode contribuir para uma SVA cumulativa, ou alternativamente, se estes estudos simplesmente consistem em mais um exemplo de processos previamente identificados (por exemplo, de heterarquia). Isto requer uma mudança para um maior grau de abstração, no qual se possa identificar similaridades e diferenças entre os estudos. Muitas vantagens podem existir a partir do desenvolvimento de uma SVA comparativa. Certamente, este desenvolvimento deve fornecer um melhor entendimento sobre (a) que tipo de exemplo consiste cada caso, de modo que as comparações devam nos guiar a considera-los mais sistematicamente e a partir de outros ângulos; (b) como subprocessos de avaliação (as peças do quebra-cabeça) se encaixam e (c) como questões completamente exploradas em uma literatura podem sugerir novas perguntas em outra literatura. Isto deve nos levar a um refinamento de nosso entendimento teórico atual sobre os subprocessos (SNOW ET AL; 2003).

Apesar de ser muito cedo para alcançar plenamente estes objetivos, esta revisão é uma tentativa inicial e parcial de esclarecer um campo teórico complexo, ao circunscrever questões, identificar problemas e fornecer elementos para uma agenda futura em SVA. Para isso, seria necessário mais espaço para fazer total justiça a uma literatura tão versátil e em expansão.

O desenvolvimento de estudos comparativos é imprescindível devido à

⁵ Apesar da relevância, esta revisão não aborda a sociologia dos valores, definida na tradição parsoniana como crenças e ideais normativos e a *rationale* última

para a ação (ver HITLIN & VAISEY, 2010; SPATES, 1983). Também não aborda a literatura sobre *status* e *worth* (e.g. LAMONT, 1992; RIDGEWAY, 2006).

velocidade em que esta literatura está crescendo. Mas como este objetivo pode ser alcançado? A nossa abordagem sugere dividir esta tarefa em pequenos passos focando em etapas empiricamente identificáveis ou em subprocessos estudados na SVA, assim como nas práticas de valoração e avaliação [(e)valuative practices].

Escopo e Definições

Na literatura da SVA, a quantificação é geralmente considerada o molde dominante para que se possa compreender as distintas gramáticas da avaliação (e.g. ESPELAND & STEVENS, 1998). Em outros casos, os autores estão preocupados tanto com a valoração monetária dos bens culturais sobre a qual há uma incerteza considerável quanto com a convocação de intermediários sociais para construir a confiança sobre a valoração destes bens (KARPIK, 2010; MOERAND & PEDERSON, 2011). Isto é particularmente característico de pesquisas sobre a valoração de obras de arte, práticas culturais e outros bens incomensuráveis similares (por exemplo, SMITH, 1990; VETLHUIS, 2005). Esta revisão foca nas práticas de valoração e avaliação moldadas por diferentes tipos de constrangimentos sejam eles advindos de *expertise* e conhecedores de alto-nível (para amadores de jazz), a lei (para aqueles que se engajam em práticas sexuais não usuais), o corpo (para residentes de bairros barulhentos) ou noções de justiça (para conservadores, xenofóbicos, militantes pelos direitos humanos, etc.). Minha análise das práticas de valoração e avaliação também aponta para os limites das formas numéricas de avaliação mesmo em um ambiente altamente economicista e neoliberal, assim como, para a ênfase na necessária confiança em formas de

juízo humano como aqueles utilizados em revisões por pares. Entretanto, muitos dos subprocessos descritos também se aplicam a valoração e avaliação moldadas pela quantificação – por exemplo, os mercados financeiros. Esta revisão não deve ser considerada como se estivesse reforçando uma dicotomia equivocada entre uma avaliação objetiva resultante da troca e da seleção do mercado *versus* fatores subjetivos (por exemplo, moralidade); uma dicotomia que tem sido desafiada por uma literatura crescente (FOURCADE & HEALY, 2007; SHAPIN, 2012). Entretanto, a limitação de espaço impede uma comparação sistemática entre estes dois domínios (vejam ZUCKERMAN 2012, para uma perspectiva complementar).

A maioria dos subprocessos estudados de valoração e avaliação incluem dinâmicas de categorização como classificação, comensuração, equivalência, direcionamento, e estandardização (e.g. TIMMERMANS & A, 2010); e dinâmicas de legitimação, a qual inclui a contestação e a negociação do valor assim como a sua difusão, estabilização, ritualização, consagração e institucionalização. Schudson (1989) especifica o que ativa alguns destes subprocessos em sua análise sobre poder cultural, destacando para isto, a aquisição, a força retórica, a repercussão, a retenção institucional e a resolução. Estes subprocessos não estão necessariamente presentes em todas as instâncias da valoração e da avaliação. Em vez disso, eles são melhores descritos como prováveis elementos de contribuição ou etapas possíveis no processo de valoração e avaliação. Esta revisão considera alguns dos subprocessos mais salientes que estão no centro da literatura recente com foco

tanto na dinâmica de categorização quanto na de legitimação.

Eu considero tanto as práticas de valoração (atribuindo mérito ou valor) quanto as práticas de avaliação (estimando como uma entidade adquire certo tipo de *worth*)⁶. As práticas de valoração e avaliação são geralmente confluídas na literatura e interligadas na realidade (VATIN, 2009). De fato, os avaliadores geralmente valorizam a entidade que eles devem avaliar no momento em que eles justificam aos outros as suas próprias avaliações. Por exemplo, críticos de arte atribuem valor a uma obra de arte (“isto é inovador”, “isto não vale nada”), ao mesmo tempo em que eles devem tentar convencer os seus pares a concordarem com a sua avaliação sobre uma obra em particular.

A SVA não foca na valoração e avaliação que ocorre dentro da mente de um indivíduo (que é a preocupação primária da psicologia cognitiva), mas sim, em práticas e experiências, em coisas que as pessoas despendem seu tempo, através de diálogos explícitos ou latentes com outros específicos ou generalizados (geralmente disponíveis em repertórios culturais) (CAMIC ET AL, 2011) (este foco nas práticas incorpora elementos de

pesquisas norte-americanas e europeias recentes sobre o pragmatismo, e.g., BLOKKER, 2011; GROSS, 2007; SILBER, 2003; e especialmente CEFAL, 2009). O que torna a valoração e a avaliação processos sociais e culturais é o fato de que o estabelecimento de valor geralmente requer (a) um acordo/desacordo intersubjetivo sobre uma matriz ou conjunto de referências pela qual a entidade (um bem, uma reputação, uma conquista artística, etc.) é comparada, (b) uma negociação sobre o critério mais apropriado e sobre quem é o juiz legítimo [geralmente envolvendo conflitos e disputas de poder (BOURDIEU, 1993)], e (c) estabelecer o valor em um processo relacional (ou por índices) envolvendo entidades distinguíveis e comparáveis – como já foi argumentado por muitos que escreveram sobre este tópico, passando por Ferdinand de Saussure e Karl Marx a George Simmel, Roland Barthes e Pierre Bourdieu. Portanto, o nosso foco é bastante diferente do foco dos psicólogos da cognição (FISKE & TAYLOR, 1991) e dos economistas comportamentais (KAHNEMAN & TVERSKY, 1979) que escrevem sobre avaliação, categorização, relevância de modelos, inclinações de preferências e risco⁷.

⁶ Existe uma extensa literatura que define *worth*, valor [*value*], valoração [*valuation*], avaliação [*evaluation*], e julgamento [*judgment*], a qual não pode ser debatida neste espaço. Note-se que o *Oxford English Dictionary* define valor como “um padrão de estima ou troca; um montante ou soma considerados em tais termos; algo considerado como digno de se ter” e *worth* como “o valor relativo de algo considerando as suas qualidades ou a estima a qual este algo detém”. Valoração é definida como “a ação de valorar ou o processo de estimar ou fixar o valor de algo”. Avaliação significa “calcular o montante total de algo, definir o montante de; expressar em termos de algo previamente conhecido”. Finalmente, julgamento pode ser definido

como a designação, atribuição ou distribuição do *worth*.

⁷ Enquanto alguns autores enfatizam o papel desempenhado por uma terceira parte como fixadores de valor e hierarquias (por exemplo, BARBOT & DODIER, 2011 sobre a avaliação de danos médicos; ver também CORRELL & RIDGEWAY, 2003), outros têm analisado as adesões (HENNION, 2011) e a demonstração (ROSENTAL, 2005) para capturar as dimensões intersubjetivas e materiais da valoração e da avaliação. Esta literatura se baseia em parte nas ferramentas analíticas da sociologia da cultura [por exemplo, construções, narrativas, limites, instituições, convenções e assim por diante (DIMAGGIO, 1997;

A estrutura desta revisão é a seguinte: a seção 2 discute a avaliação focando (a) no subprocesso de categorização e legitimação, (b) heterarquias e (c) práticas de valoração e avaliação. A seção 3 conclui abordando implicações futuras e desenvolve mais detalhadamente a questão “Como podemos avançar rumo ao desenvolvimento de uma SVA comparativa?”.

2. Compreendendo a valoração e a avaliação

Categorização e Legitimação

A SVA considera um número de subprocessos que contribuem para os processos de valoração e avaliação. Eles estão geralmente entrelaçados e são difíceis de diferenciar. Para fins heurísticos, faço a distinção entre aqueles que são relevantes para a categorização e aqueles que são relevantes para a legitimação e os discuto um por vez.

Categorização. No mínimo, valoração e avaliação requerem categorização (ou tipificação), ou seja, a determinação sobre qual grupo a entidade (por exemplo, objeto ou pessoa) em questão pertence (por exemplo, ZUCKERMAN, 1999; ver também, HANNAN ET AL, 2007; NAVIS & GLYNN, 2010, RAO ET AL, 2005). Uma vez que as características ou propriedades mais amplas de uma entidade tiverem sido examinadas e estimadas, se torna possível localizá-la em uma ou

várias categorias assim como refletir sobre se e como estas categorias se encaixam em uma ou mais hierarquias. Por exemplo, no passado, a institucionalização da ordem racial norte-americana requeria que se determinasse se italianos e judeus eram brancos ou negros, e a partir disto, se desenvolveram as suas posições relativas (GUGLIELMO & SALERNO, 2003). Similarmente, Ritvo (1989) descreve o conhecimento necessário para a categorização de raças de cães no período da Inglaterra Vitoriana e o seu uso na criação de status sociais. Espécies que se encaixavam entre duas categorias apresentavam mais dificuldades para serem avaliadas e, portanto, lhes era atribuído menor valor e status.

Dada a centralidade da categorização na SVA, não é de se surpreender que os sociólogos e antropólogos da cultura tenham despendido tempo considerável analisando os limites simbólicos e os sistemas de classificação, enquanto os sociólogos da economia e alguns economistas têm se interessado cada vez mais por convenções criadas através dos sistemas de *ranking* (por exemplo, CARRUTHERS & HALLIDAY, 1998). Ambos os grupos de pesquisadores têm estudado o uso de tecnologias para a estabilização e institucionalização do valor e dos critérios subjacentes [quantificação e o uso de sistemas de equivalência com o propósito de coordenar a ação, por exemplo.] (ver SALAIS ET AL, 1998; ver também STRATHERN, 2000 a respeito sobre o

LAMONT & SMALL, 2008), dando ênfase particularmente ao lado da oferta da cultura (quais ferramentas se tornam disponíveis para indivíduos em situações de repertório cultural). (Ver LAHIRE & ROSENTAL, 2008) para uma comparação crítica frente a abordagem da psicologia cognitiva para a

constituição do significado. Entretanto, alguns observam uma convergência entre a sociologia da cultura e a psicologia cognitiva (por exemplo, VAISEY, 2009; DIMAGGIO & MARKUS, 2010). As limitações de espaço impedem considerações mais completas sobre esta questão complexa.

que é necessário para “tornar as coisas transparentes”). Eles têm estudado a construção do consenso e como a definição de valor é tornada incontestável ou transportável para diferentes contextos (“*black-boxed*”, na linguagem de LATOUR, 1988). A presença de terceiros e/ou árbitros é essencial para esta consolidação e estabilização (e.g., SAUDER, 2006; ver também ESPELAND & SAUDER, 2007; LAHIRE & ROSENTHAL, 2008). Outros ainda têm se interessado pela consolidação do valor por fatores não subjetivos, ou seja, o econômico, o organizacional, a rede e outros recursos, assim como por suas inter-relações com os recursos simbólicos (e.g. DIMAGGIO, 1982).

Legitimação. Como um objeto de arte, uma obra literária, ou uma teoria científica recebe valor ao ponto de serem consagrados e integrados ao cânone? Muitos pesquisadores têm explorado esta questão através de estudos de casos, como Bortolini (2012) com o debate sobre a ideia de religião civil de Bellah, Heinich (1997) sobre a construção da reputação de Van Gogh, e Illouz (2003) sobre a criação da identidade pública [*self-fashioning*] de Oprah Winfrey. Mas, se queremos ir além da coleção de estudos de caso finitos, é necessária uma abordagem mais cumulativa da produção de conhecimento para que possamos captar o subprocesso geral em funcionamento. (Esforços nesta direção têm sido feitos por Frickel & Gross, 2005, como no estudo do caso dos movimentos intelectuais).

A legitimação/consagração se refere ao reconhecimento de alguém e de outros sobre o valor de uma entidade (seja uma pessoa, uma ação ou uma situação). Mesmo que este artigo pudesse considerar

a abordagem mais clássica e familiar weberiana sobre a legitimação e o seu legado contemporâneo (por exemplo, JOHNSON ET AL, 2006), eu priorizo, por outro lado, os escritos de Bourdieu sobre a acumulação de capital simbólico dado que a sua influência nos estudos contemporâneos sobre os processos de valoração e avaliação tem sido vasta, como evidenciado em um número extraordinariamente grande de estudos que tem aplicado a sua perspectiva em novos objetos empíricos.

A teoria de Bourdieu (1993) sobre os campos simbólicos enfatiza o papel dos críticos e avaliadores como os guardiões [*gatekeepers*] da produção de capital simbólico para bens culturais específicos (para mais detalhes, ver SCHWARTZ, 1997). Ao estudar a produção e o consumo da arte e da literatura francesa do século dezanove, ele analisa a prática cultural, a percepção e a competência estética. Em sua teoria geral dos campos, ele foca nos atores sociais e suas diferentes posições em campos de produção cultural lutando para impor suas definições concorrentes sobre a legitimidade de uma literatura ou obra artística – ou, para acumular capital simbólico, definido como um lucro ou recompensa associado ao alto grau de reconhecimento ou de consagração. Para Bourdieu (1993, pp. 78-79), a habilidade de impor critérios de avaliação, ou o poder para consagrar, tem importância nos campos simbólicos, já que permitem aos atores que reproduzam as suas próprias posições. Os campos simbólicos tipicamente contêm, por um lado, atores cujas estruturas de capital os predisõem a maximizar a autonomia do campo e os critérios de avaliação favoráveis a ela, e, por outro lado, atores cujas estruturas de

capital geralmente os amarram a outros campos (político, jornalístico, etc.) e a uma audiência geral. O primeiro grupo valoriza o desinteresse, ou a “arte pela arte”, ou adota uma lógica econômica de valorização invertida (BOURDIEU, 1993, p. 75). Nas palavras de Bourdieu, “o campo literário é o mundo econômico invertido; ou seja, a lei fundamental... do desinteresse... é o inverso da lei da troca econômica” (BOURDIEU, 1993, p.164).

Este modelo tem sido utilizado, extensamente aplicado, e por vezes especificado e expandido em termos teóricos através de estudos de caso (e.g. BOSCHETTI, 1985 sobre Sartre). Recentemente, pesquisadores têm abordado, por meio de métodos indutivos, questões sobre o papel dos críticos e sobre o critério de avaliação que eles mobilizam. Ao especificar os passos de um processo de legitimação, engaja-se em uma construção teórica. Por exemplo, Allen & Parsons (2006) estudam a reputação dos arremessadores [*pitchers*] e rebatedores [*hitters*] na liga de baseball mais importante dos Estados Unidos para propor uma teoria de reconhecimento cumulativo que leva à inserção no *Hall* da Fama do Baseball. Os autores decompõem o processo que culmina no estágio final de valorização no esporte, distinguindo-o em conquista, reconhecimento e consagração. Baumann (2007) detalha como os críticos dos filmes americanos redefinem o significado do gênero do filme para legitimá-lo enquanto arte. Este processo envolvia a difusão, adaptação e cooptação da teoria do cinema Francês [*French film theory*] e o criticismo, elevando a importância do diretor autônomo, e um alinhamento dos filmes de Hollywood com filmes estrangeiros legitimados

artisticamente (p. 152). Baumann (2007) especifica a existência de “oportunidade”, “institucionalização dos recursos” e “a intelectualização dos filmes através do discurso” como as três causas dinâmicas essenciais por detrás da mudança da percepção de um filme visto como um produto comercial para um status artístico elevado nos Estados Unidos. O estudo de Lang & Lang (1988) sobre os pintores – água-fortistas⁸ [*painter-etchers*] no começo do século vinte explora como os bens são transmitidos através de gerações pela memória coletiva, a qual, em seu estudo de caso sobre a reprodução da reputação artística, requeria condições como uma autopromoção dos artistas, a produção de uma massa de trabalho crítica, a existência de sobreviventes com um interesse (simbólico ou financeiro) na perpetuação da reputação e uma conexão com redes artísticas e políticas. Greenfield (1988) estuda o monitoramento em galerias de arte em Israel e analisa as pressões pela conformidade com os critérios de avaliação dentro de um contexto ideológico de total abertura e receptividade para uma nova obra.

Para além do legado Bourdieusiano, e geralmente em oposição a ele, diversas abordagens alternativas para a legitimação/consagração têm recebido atenção considerável, incluindo a noção de mediação em Latour (2005), justificação em Boltanski & Thévenot (2006 [1991]) e engajamento em Thévenot (2006). Algumas são discutidas a seguir.

Identificando e Produzindo Heterarquias

As noções de uma real ou potencial heterarquia, a multidimensionalidade, ou a

⁸ Gravadores que usam a técnica da água-forte (*nota da tradutora*).

pluralidade de gramáticas/critérios de valoração e avaliação são também centrais para uma SVA. Este modo de pensar se baseia nos escritos de Weber (1978) sobre os tipos de racionalidade e sobre os estudos relativos aos critérios de distribuição (por exemplo, WALZER, 1983)⁹. Neste sentido, grande parte da pesquisa em SVA consiste em descobrir os critérios de avaliação e revelar os dispositivos, instituições, ou estruturas sociais e culturais que os sustentam e os acionam (por exemplo, LAMONT & THÉVENOT, 2000). Alternativamente, estudos organizacionais recentes (por exemplo, STARK, 2009) e macro estudos mais gerais (HALL & LAMONT, 2013) consideram o processo pelo qual heterarquias ou plurarquias são produzidas, reproduzidas, ou diminuídas (por exemplo, pelo neoliberalismo) e o impacto desta diminuição para a vida social [por exemplo, sobre a concepção das pessoas sobre a autoestima (LAMONT, 2000), ver também Carter (2012) sobre o impacto do sistema educacional ao moldar as definições sobre o pertencimento coletivo].

A literatura norte-americana e europeia têm seguido caminhos distintos e têm privilegiado um conjunto diferente de referências em seus estudos sobre a multidimensionalidade das hierarquias sociais. Em particular, os sociólogos franceses focam em gramáticas ou ordens de *worth* usadas na constituição da comunidade que sustentam definições alternativas de *worth* [por exemplo, a gramática liberal que favorece a avaliação centrada no desempenho de mercado

versus a gramática cívica que valoriza a comunidade (BOLTANSKI & THÉVENOT, 2006 [1991]). Devido ao atraso nas traduções, seus escritos tiveram uma ressonância limitada nos Estados Unidos, mas estão rapidamente ganhando cada vez mais destaque (por exemplo, ELIASOPH, 2011; PERRIN, 2006). Nos Estados Unidos e Canadá, um desenvolvimento concomitante inspirado por Friedland & Alford (1991) gerou uma literatura importante sobre as lógicas institucionais, majoritariamente no campo dos estudos organizacionais (vejam THORNTON & OCASIO, 2008, para uma revisão). Atualmente examinadas em vários contextos, estas lógicas são definidas como “padrões de atividade supra organizacionais pelos quais indivíduos e organizações produzem e reproduzem a sua subsistência material e organizam o tempo e o espaço. Eles também são sistemas simbólicos, modos de ordenar a realidade, e portanto, atribuem significado às experiências de tempo e espaço” (FRIEDLAND & ALFORD, 1991, p. 243; ver também DJELIC, 2001; DOBBIN, 1997). As diferenças entre as abordagens norte-americanas e europeias são tantas que vale a pena discutir algumas em maior profundidade.

Em um artigo seminal, Boltanski & Thévenot (1983) estavam preocupados com a pluralidade de critérios de avaliação a qual passaram a investigar ao pedir para pessoas comuns criarem sistemas de classificação atribuindo categorias a algumas ocupações (previamente descritas em cartões). Em oposição à Bourdieu, eles

⁹ Nesta pluralidade de esferas de justiça, cada esfera é dedicada a distribuição de um bem social específico (mérito, punição, etc.). Walzer (1983) associa cada

ordem com instituições específicas e com uma comunidade de entendimentos compartilhados.

identificaram uma pluralidade de gramáticas de avaliação ao observar mudanças nos princípios básicos de categorização. Em seu livro de referência *De la Justification* (2006 [1991]), os autores associam estas lógicas às ordens evidenciadas a partir de posições clássicas na tradição da teoria política, pois na referida obra estavam interessados na construção de comunidades políticas para as quais a justificação em termos de interesse coletivo é de valor equivalente. O livro considerou como os atores demonstram a universalidade de suas posições recorrendo a lógicas distintas, e como o fazem ao qualificar (ou diferenciar) vários objetos, atores, instrumentos em seus ambientes de maneira que sejam consistentes com estas lógicas. Por exemplo, se a lógica de mercado prevalece, o objeto de avaliação será considerado pelo ângulo da maximização do lucro. Os autores detalharam estas qualificações conforme elas se encaixam a outras ordens de *worth*: lógica industrial (que enfatiza a produtividade), lógica doméstica (que enfatiza as relações interpessoais), lógica cívica (que enfatiza a solidariedade cívica dentro de uma *cit *), lógica inspirada (que se baseia no carisma) e fama (ver também WAGNER, 1999). Sob a influência da etnometodologia, Boltanski & Thévenot (2006 [1991]) constataram que a defini o de *worth*   um lócus de tensões, riscos e incertezas, o qual requer uma reconstru o contínua e uma atualiza o de acordos. De uma perspectiva pragmática, eles também consideraram como os atores criam acordos entre estas ordens de valor no desenvolvimento da vida cotidiana para coordenarem as suas a es.

Em um trabalho conjunto com o grupo de pesquisadores participantes do *Groupe de sociologie politique et morale* (GSPM) (ver BOLTANSKI, 2008 para detalhes), através de várias publica es, Boltanski e Thévenot expandiram a sua agenda de pesquisa para um leque maior de justifica es, formas para a a o e ordens de valor. O grupo analisou outros tipos de a es estruturadas e como elas são testadas, focando em regimes de a o que são direcionados não por uma lógica política associada ao alcance do bem comum, mas sim, por outras formas pertencentes ao amor incondicional,   justiça, ao altru simo (ao testemunho do sofrimento [*witness suffering*]),   comunidade, etc. Mais recentemente, Thévenot (2006) começou um programa com foco no conceito de engajamento. Este termo se refere às diferentes formas de rela o com um contexto, a percep o através da qual alguém entende a sua rela o com este contexto – por exemplo, por familiaridade ou proximidade (o que Thévenot chama de “*régime du proche*”). Outros pesquisadores ligados ao GSPM partem de uma perspectiva inspirada em Goffman e que converge com a sociologia da cultura norte-americana para estudar a mobiliza o de várias perspectivas (ou gramáticas) em uma gama de contextos e a capacidade de estender, estabilizar e institucionalizar modos de avalia o. Por exemplo, Lemieux (2000) tem estudado as formas de a es de jornalistas para compreender como eles lidam com os limites entre as rela es privadas e a esfera pública do jornalismo; Lemieux (2009) também vem abordando a imersão da a o humana dentro de várias gramáticas restritas (relativas ao desprendimento, autocontrole, altru simo e outras)¹⁰.

¹⁰ Heinich (1999, 1998, 2009) tem também desenvolvido pesquisas em avalia o ao focar a

avalia o por amadores (para arte contemporânea) e por comit s de especialistas (para literatura, arte

Novamente, desenvolvimentos paralelos ocorreram quase que ao mesmo tempo nos Estados Unidos com Friedland & Alford (1991) apontando para uma relativa autonomia de lógicas institucionais potencialmente competitivas e Elster (1992) ao estudar empiricamente a alocação de critérios em áreas críticas como admissões em universidades, transplante de rim, demissões de funcionários, e imigrações legalizadas. Do mesmo modo que Walzer (1983), Elster (1992) foca em critérios de justiça contraditórios como a necessidade *versus* o mérito. Apesar de Friedland & Alford (1991) serem citados frequentemente no que diz respeito a lógicas institucionais, a sua abordagem é menos desenvolvida teoricamente do que a de Boltanski & Thévenot (2006[1991]). Entretanto, a sua teoria tem estimulado a construção de novas teorias que têm como base empírica um crescente número de estudos de casos que consideram (dentre outros tópicos) lógicas institucionais híbridas (MURRAY, 2010) e a ligação entre o micro-macro na implementação de lógicas institucionais em tribunais especializados em matéria de drogas (MCPHERSON & SAUDER, 2012).

Na sociologia econômica norte-americana, alguns pesquisadores se inspiram diretamente no trabalho de Boltanski e Thévenot e seus colegas que têm como foco explícito a heterarquia. Mais recentemente, Stark (2009) amplia o

conceito ao aplicá-lo ao estudo das organizações e da inovação, particularmente no setor de alta tecnologia. Ele define heterarquia como uma forma organizacional que combina prestação de contas lateral [*lateral accountability*] e heterogeneidade organizacional e é caracterizada pela inteligência distribuída e pela organização da diversidade – sendo o seu protótipo, as firmas de alta tecnologia focadas em inovação que adotaram um modo de operação flexível e não hierárquico. Stark (2009) analisa como as ordens de *worth* influenciam valores, cálculos e racionalidades e como elas transformam incertezas em riscos – como elas produzem racionalidades limitadas através de tecnologias sociais. Este trabalho representa uma abordagem profícua para preencher as lacunas entre as linhas de trabalho europeias e americanas no que concerne ao *worth*, através de um estudo empírico detalhado (ver também BECKERT & ASPERS, 2011; ELIASOPH, 2011).

A minha própria pesquisa também tem levado em conta as gramáticas múltiplas de *worth*. Meus livros (LAMONT, 1992, 2000) têm características similares àqueles de Boltanski e Thévenot (1983, 2006 [1991]), mas, segue um caminho mais indutivo e foca em critérios emergentes (e mais próximos em espírito do livro de Boltanski e Thévenot de 1983 do que do livro deles

contemporânea e patrimônio mundial). Por exemplo, Heinich (1997, p. 26) considerou os passos para a consagração de Van Gogh, a qual ela analisou pelo prisma da beatificação e pela demonstração do gênio autêntico do artista (demonstrado pela consistência da sua criatividade, a universalidade de sua obra e a interioridade de sua aspiração criativa, etc.). Ela também estudou a desvalorização da arte através das

reações negativas à arte contemporânea, nas quais os indivíduos usam argumentos em favor de posições alternativas. Mesmo que a autora não tenha se engajado na SVA norte-americana e não tenha especificado o valor teórico adicional de seu trabalho neste sentido, a sua pesquisa oferece um terreno rico para a troca de conhecimentos.

de 1991). Desafiando Bourdieu [1984 (1979)], eu explorei a relevância de diversas definições de mérito pessoal por classes e grupos raciais na França e nos Estados Unidos, revelando novos padrões de avaliação baseados em dinheiro, moralidade e maneiras ou costumes (LAMONT, 1992, 2000). Abordei a valoração através da ferramenta do *boundary work* e levantei a questão sobre as propriedades dos limites de grupo (por exemplo, sua permeabilidade) e os mecanismos que as geram, fato que foi ignorado por Bourdieu e também por Boltanski e Thévenot (2006 [1991]), (ver também LAMONT e MOLNAR (2002) e PACHUCKI ET AL 2007). Isto estimulou ou alimentou um crescente interesse no estudo sobre o apetite/desejo [*omnivorosity*], a indiferença e o desgosto (por exemplo, BRYSON, 1996) assim como instigou a literatura em *boundary work* no campo da etnia e da migração (por exemplo, BAIL, 2008; WIMMER, 2013), o que mudou a agenda para uma nova direção (comparada com a literatura em categorização, legitimação, e lógicas institucionais). De fato, esta literatura analisa como a valoração molda os limites de um grupo através do enclausuramento social, da diferenciação cultural ou da saliência política (por exemplo, WIMMER, 2008).

Apesar das divergências entre o conhecimento produzido na Europa e nos Estados Unidos é possível encontrar uma convergência intelectual transcontinental em estudos sobre a multidimensionalidade da avaliação e sobre como a equivalência entre diferentes tipos de valores é

socialmente construída – especialmente entre entidades ambíguas, intangíveis ou singulares. Geralmente advinda da sociologia econômica, muito desta linha de trabalho tem considerado a relação entre os processos de mercado e os aspectos não econômicos da vida social – sejam a moralidade, o status, a identidade, o direcionamento, as redes ou outras dimensões afins (e.g. POLDONY, 2008; ZELIZER, 1979 sobre categorias, FOURCADE & HEALY, 2007 para uma revisão¹¹).

Esta linha de trabalho também aborda a imersão das relações econômicas em relações não econômicas (mais recentemente, vejam a perspectiva relacional em ZELIZER, 2012). Os autores têm demonstrado variações na racionalidade econômica para elucidar o caráter imerso do pensamento econômico (DOBBIN, 1994) e levam em consideração a relação entre o preço e o valor e como a regulação pode mediar a ambos (Ver especialmente ZUCKERMAN, 2010; também HUTTER & THROSBY 2008 sobre a diferença entre valor econômico e cultural). Para somar à clássica análise de Zelizer (1994) sobre a mudança do valor econômico e emocional de crianças, neste caso, é particularmente notável o estudo de Espeland (1998) sobre as concepções divergentes de racionalidade e comensuração entre dois grupos de agentes federais e o povo nativo americano Yavapai em um conflito que surgiu a partir da construção de uma represa na terra nativa dos Yavapai. Mais recentemente, Fourcade (2011) comparou a compensação para desastres ecológicos

¹¹ Por exemplo, o estudo de Aspers (2010, p. 09) sobre os varejistas de roupas de grife [*branded garment retailers*] (e.g. The Gap) argumenta que “mercados são ordens econômicas parciais que são ordenados por outros mercados, mas também por ordens parciais não

econômicas”. Este viés está exemplificado em livros recentes que fazem um balanço da literatura sobre avaliação (e.g. BECKERT & ASPERS, 2011; HUTTER & THROSBY, 2008).

na França e nos Estados Unidos mostrando que significados diferentes associados ao dinheiro e a natureza levam a avaliações muito distintas. Embora, nos Estados Unidos, o processo de avaliação influenciou no aumento do valor emocional dado à perda, na França, ocorreu o oposto, com o pressuposto de que a perda não pode ser medida em termos econômicos. Pelo lado francês, observamos uma pesquisa paralela de Barbot & Dodier (2011) sobre as vítimas do erro médico e os critérios pelos quais o dano é calculado pelas diversas partes envolvidas.

Esta revisão começou com o objetivo de compreender as condições que sustentam as heterarquias sob o neoliberalismo, um contexto no qual as definições de *worth* que não estão baseadas no desempenho de mercado tendem a perder relevância e no qual o fundamentalismo de mercado passa a exercer fortes pressões homogeneizadoras sobre as identidades coletivas e também sobre as definições compartilhadas sobre o que define uma vida digna (HALL & LAMONT, 2013). Esta tarefa requer um movimento na direção do desenvolvimento de uma SVA comparativa que leve em consideração os tipos de mecanismos institucionais que sustentam diversas perspectivas sobre a quem pertence (por exemplo, as políticas de imigração, de linguística, de distribuição e de diversidade mais inclusivas [ou universais]) assim como aos repertórios culturais que reduzem as diferenças entre grupos e encorajam um reconhecimento mais amplo (por exemplo, o Índice de Políticas Multiculturais de Kymlicka & Banting, <http://www.quennsu.ca/mcp>). Também

requer analisar o papel das instituições que sustentam as heterarquias ao fornecerem e difundirem definições alternativas de *worth*, como aquelas associadas à identidade do grupo, à moralidade, à religião, ao desempenho estético ou à auto-realização (por exemplo, LAMONT ET AL, 2013). Estas instituições incluem organizações religiosas e espirituais, organizações étnicas, e movimentos de oposição social.

Práticas de Valoração e Avaliação

O meu exame sobre a literatura das práticas de valoração e avaliação aponta para a incidência de mais micro práticas que também sustentam as heterarquias. Uma revisão desta literatura também sugere diversos caminhos para o desenvolvimento da SVA. A seguir, focarei nos limites selecionados e nas condições que moldam as práticas de avaliação. Estas incluem tecnologias de avaliação, critérios de avaliação, regras usuais ou convenções do campo, o próprio conceito dos avaliadores e o papel dos não humanos [*nonhumans*] e os instrumentos de avaliação. Eu os apresento enquanto elementos que podem estimular uma agenda de pesquisa futura em SVA.

Para entender as práticas de avaliação não monetárias, é apropriado utilizarmos o caso da revisão por pares visto que os resultados acadêmicos são uma instância na qual a valoração não é baseada na precificação ou em mecanismos econômicos – apesar de reconhecer que uma alta avaliação pode ser associada a prêmios e a outras recompensas que podem ter um valor monetário. Ao contrário, a revisão por pares é condicionada por normas de justiça e por especialidade. De todas as formas de

avaliação acadêmica, esta é a mais amplamente utilizada. Apesar de outros métodos (como medidas bibliométricas) de avaliação estarem ganhando popularidade, eles se baseiam indiretamente na avaliação por pares e possuem normalmente menos crédito do que a revisão por pares, especialmente nas humanidades e nas ciências sociais.

Em seu estudo sobre a biologia molecular e física de alta energia, Knorr-Cetina (1999) demonstra como as culturas epistêmicas, as quais ela denomina de “maquinarias” [*machineries*] ou “tecnologias do conhecimento” [*technologies of knowledge*] estruturam a produção do conhecimento e a avaliação. Estes termos se referem às estruturas sociais e culturais que canalizam, restringem, definem e possibilitam a produção e a avaliação do conhecimento – de fato, estas estruturas são ao mesmo tempo precondições e limitações para o conhecimento. O trabalho de Knorr-Cetina (1999) fornece ideias importantes sobre como estudar as práticas de avaliação, e particularmente, as regras costumeiras que moldam a avaliação. Este trabalho sugere que analisar os tipos de limitações utilizados em uma avaliação é uma abordagem útil. Estes incluem métodos de comparação, critérios, convenções (ou regras costumeiras), conceitos individuais e outros tipos de suporte não humanos, como detalhados a seguir. Ao focar estas limitações, gera-se uma variedade de questões que são raramente levantadas pela SVA atual.

Um exemplo notório de uma tecnologia do conhecimento no campo da revisão por pares consiste no método para comparar os itens que serão avaliados, os quais podem ser estimados [*rated*] ou ranqueados (a abordagem preferida é geralmente determinada por aqueles que

requerem a avaliação, seja um jornal, uma editora ou uma agência de financiamento). A estima [*rating*] requer que todos os itens a serem considerados sejam comparados em relação a um conjunto de critérios externos (por exemplo, originalidade, significância) e não um contra o outro. O *ranking* consiste na comparação de um item com o outro levando em conta o quão bem eles se saem em dimensões específicas pré-estabelecidas. Quando são estimados todos os itens podem potencialmente receber a melhor nota; por outro lado, os *rankings* criam uma situação de soma-zero. Isto tem consequências importantes para as práticas de avaliação, incluindo a prevalência de negociações sagazes [*horse trading*] dentre os avaliadores e em como os avaliadores pluralistas tendem a se posicionar em suas escolhas de padrões, incluindo preferências epistemológicas e, em suas inclinações, uma variedade de abordagens metodológicas (LAMONT & HUUTONIEMI, 2011; MALLARD ET AL, 2009). Assim, as tecnologias de avaliação têm um impacto direto sobre a probabilidade de que as plurarquias, vistas como opostas à hierarquia, prevaleçam ao tornar equivalentes os critérios de comparação, e sobre a probabilidade de que os itens que estão sendo considerados possam se sobressair a partir de diferentes perspectivas. Culturas de avaliação pluralistas tendem a prevalecer em áreas que não estão altamente formalizadas ou que são recém-criadas, como no caso de novas práticas culinárias ou novos esportes. Uma SVA comparativa precisaria considerar tais questões.

Outra limitação sobre a avaliação é a definição de critérios e a medida em que eles são formalizados e se tornam consistentes. Na revisão por pares, os avaliadores são facilmente levados a

privilegiar diferentes elementos de comparação em momentos distintos, já que são induzidos pelas características do que estão comparando. Os itens são avaliados em sucessão (baseados em uma gama de critérios que poderiam incluir gênero, *ranking* pré-estabelecido, ordem alfabética, tópicos, etc), e os avaliadores geralmente tomam conhecimento de novas dimensões de comparação durante o processo de avaliação. Caso os avaliadores sejam formalmente requeridos a revisitar sistematicamente as suas avaliações após o levantamento de todos os critérios possíveis, o resultado e o senso de legitimidade do processo podem ser afetados. Isto pode também levar a uma separação explícita entre julgamento por gosto e julgamento por especialidade e pode, portanto, sustentar as heterarquias (LAMONT, 2009). Uma SVA comparativa consideraria mais sistematicamente o papel das preferências idiossincráticas assim como os papéis inevitáveis da cognição, das emoções e das interações nas avaliações. É provável que as emoções e os gostos idiossincráticos sejam geralmente mais reconhecidos como fatores legítimos para a avaliação no campo artístico do que o são para o campo científico, por exemplo.

As práticas de avaliação são também limitadas pelas convenções (BECKER, 1982)¹². Por exemplo, as avaliações dos revisores dos escritos de autores de ficção são constrangidas por avaliações prévias (JANSSEN, 1997, p. 277). Além disto, a avaliação pública impõe padrões de legitimidade e prestação de contas que moldam profundamente as

práticas de avaliação: em sociedades democráticas liberais, por exemplo, a avaliação pública geralmente requer uma deliberação sobre os critérios relevantes e sobre a sua divulgação ao público. Outras regras frequentes incluem a revelação de conflitos de interesses, categorização de interesses pessoais e alguma medida de prestação de contas sobre a adequabilidade do *ranking* final (LAMONT, 2009). Estas regras costumeiras de avaliação podem não ser facilmente difundidas para sociedades nas quais a lealdade pessoal e o clientelismo, opostos ao critério de meritocracia, prevalecem como mecanismos distributivos amplamente reconhecidos e únicos – considere, por exemplo, a academia chinesa (FANG ET AL, 2008). Isto também vale para regras costumeiras de avaliação como a alternância de deliberação e a falta de intimidação. Uma SVA comparativa deve considerar como as práticas de avaliação são moldadas por instituições políticas e por culturas radicalmente diferentes (ver MUSSELIN, 2009, para uma visão comparativa da admissão acadêmica francesa, alemã e norte-americana, nas quais os laços pessoais e a consideração são tratados de forma diferenciada).

Se os avaliadores seguem as regras costumeiras é provável que se submetam a sua definição de avaliação como apropriada, e, finalmente, aos seus próprios conceitos enquanto avaliadores os quais estão necessariamente presentes no ato da avaliação. Este fato seria igualmente verdade para astrofísicos, amadores de jazz ou chefes profissionais. Estes indivíduos [*selves*] são produzidos

¹² Outra importante linha de pesquisa não discutida aqui considera como as convenções são necessárias para a coordenação da ação (SALAIS ET AL, 1998).

por campos organizacionais que promovem a aderência a estas regras e não podem ser tidos como óbvios: um campo menos institucionalizado será menos consistente em fornecer regras claras e em socializar novos entrantes (comparado com, por exemplo, um sistema educacional maior que prepara novos entrantes por vários anos). Isto claramente sugere a importância de considerar a formação do indivíduo como um tópico crucial no estudo da avaliação – este tópico não é incluído tipicamente na sociologia cultural ou econômica da avaliação. A história e a sociologia da ciência – mais precisamente, estudos sobre a objetividade (DASTON & GALISON, 2007), a autoridade e a especialidade (SCHAPIN, 1994) que consideram a formação do sujeito e o direcionamento de suas virtudes como essenciais para as práticas de avaliação – fornecem pistas para esta questão. Neste ponto, particularmente imprescindível, são os estudos de Hennion (2004, 2007) sobre os amadores (de vinho, música, escalada, etc.) e os seus engajamentos, através de seus corpos, (por exemplo, como os gostos iniciais são ensinados para apreciar), (ver também CALLON ET AL, 2002). Este conceito de engajamento se refere ao “equipamento coletivo e material” (HENNION, 2007, p. 109) usado para implantar o gosto – ou disposições necessárias para que os atores apreciem os seus objetos de predileção e como se conectam a eles e para que estes atores aprendam a investir neles e a serem atentos a eles. Hennion (2004, 2011) contrasta a abordagem crítica de Bourdieu para o gosto (focada nos determinantes ocultos dos gostos) com a sua própria abordagem performativa para o gosto, a qual leva em consideração o que é preciso para estar ligado a algo (a sua mesa favorita), as

disposições que são necessárias para se apreciar o objeto e a capacidade performativa do ator na coprodução do objeto de sua apreciação (e vice-versa). Todas estas questões requerem uma consideração sobre a formação do sujeito (como indivíduos aprendem a ser avaliadores e a pensarem em si mesmos como tais e como eles aprendem a desempenhar avaliações apropriadas – com seus corpos, ferramentas, ideias, etc). Tais questões trazem uma nova dimensão para a SVA e representam uma mudança radical e legítima perante a literatura atual sobre quantificação e avaliação.

Vale ressaltar, os estudos de Rosental (2011a,b) sobre os suportes não humanos, e mais especificamente sobre as demonstrações públicas de tecnologias ou *demos* que, como ele argumenta, estão se tornando centrais para as práticas de avaliação. *Demos* (por exemplo, apresentações em PowerPoint, apresentações do funcionamento de robôs e outros suportes visuais) são cada vez mais comuns em processos de avaliação. Eles são aplicados pela sua eficácia, como evidências de competência e vieram para definir parâmetros de avaliação em vários lugares. Por exemplo, em seu estudo sobre o uso de *demos* para o desenvolvimento do campo de tecnologia avançada na Comissão Europeia, Rosental (2005) mostra como os *demos* são usados para criar acordos e para construir consensos políticos. Na esfera acadêmica e em outras esferas, o uso de *demos* tem redefinido drasticamente o papel do profissional competente, e a formatação do indivíduo que o acompanha, em resposta aos novos padrões emergentes de avaliação que privilegiam transparência, clareza, e simplicidade [opostos às virtudes mais clássicas acadêmicas da erudição,

profundidade do entendimento e sofisticação (LAMONT, 2009)].

Instrumentos e ferramentas que são utilizados para a avaliação são também constitutivos de culturas de avaliação – como no caso dos demos. Como demonstrado por Karpik (2010), os dispositivos são cruciais para entender a construção do valor, particularmente no caso de objetos únicos (por exemplo, obras de arte), os quais, devido à falta de comparabilidade, não podem ser facilmente valorizados. Tais dispositivos se tornam ferramentas que reúnem informações advindas de diversas partes. Karpik (2010, p.45) descreve em detalhes dispositivos como “redes, denominações, ‘cicerones’, *ranking*, e ‘confluências’”. A partir de uma perspectiva heurística, estes dispositivos são ainda mais úteis para avaliações não econômicas, por exemplo, para os casos nos quais a precificação é irrelevante.

Outra abordagem metodológica geralmente usada para tornar visíveis as matrizes múltiplas ou critérios – ou para documentar as tensões entre gramáticas de *worth* em disputas – é focar nas *épreuves* (testes, “momentos quentes” [*hot moments*], ou julgamentos). De fato, inspirados pelos experimentos de desestabilização [*breaching experiments*] de Garfinkel (1967), cientistas sociais têm estudado a avaliação levando em consideração *épreuves* ou testes. Isto se refere às competições¹³ nas quais diferentes construções de valor de uma entidade entram em conflito e são medidas umas contra as outras por atores sociais – situação na qual, várias partes deliberam

ou procuram estabelecer a pertinência de suas visões contraditórias (vejam especialmente a perspectiva original de Heinich, 2007 sobre os ganhadores de prêmios literários). Ao fazê-lo, atores e (sociólogos!) tornam visíveis e explícitos os seus critérios de avaliação preferidos (estando ou não cientes deles). Da mesma forma, focar no *boundary work* constitui-se uma ferramenta heurística conveniente para trazer critérios de avaliação dados como certos (incorporados) para o conhecimento, ao explorar o que os indivíduos valorizam (LAMONT & MOLNAR, 2002). Estes vários instrumentos de avaliação são particularmente úteis para tornar visível a multiplicidade de critérios de avaliação.

Estes tópicos – critérios, convenções (ou regras costumeiras), conceitos-próprios, suportes não humanos, e instrumentos – são apenas a ponta do iceberg de um programa para uma SVA sistematicamente comparativa. Apesar desta seção oferecer apenas uma visão parcial das culturas de valoração e avaliação, ela também enfatiza a necessidade de uma maior integração do conhecimento atual. Para desenvolver um exemplo específico, o objetivo poderia ser o de comparar processos de valoração por diferentes campos de atividade, em termos de regras de avaliação, definição dos elementos comparáveis, o papel das instâncias de consagração, etc. Por exemplo, o trabalho de Baumann (2007) sobre os filmes e o trabalho de Chong (2011) sobre as revisões de ficção poderiam ser comparados com avaliações em outros campos com o intuito de captar

¹³ Especificamente aquelas em que os competidores competem separadamente e são julgados por árbitros. (*nota da tradutora*)

diferenças entre campos de produção cultural e intelectual: ciência, arte, humanidades, esportes e assim por diante. Particularmente, devemos considerar variações no processo de legitimação (o processo de construção da reputação e recursos) e as suas influências no processo de avaliação. Para citar outro exemplo, se descobrirmos que os cientistas das ciências duras são menos críticos uns com os outros quando comparados aos cientistas sociais, é porque os seus status de hierarquia são menos contestados devido a um melhor suporte de recursos materiais (por exemplo, maiores subsídios ou mais recursos [*grants*])? Variações em sistemas de status tendem a influenciar as práticas de avaliação – por exemplo, se normas de pluralismo metodológico e cognitivo prevalecem, se avaliadores tendem a submeter à opinião de especialistas, etc.

A estrada adiante

Esta revisão foi exposta com o objetivo de apresentar a discussão que envolve os vários grupos de trabalho da SVA para estimular uma construção teórica mais cumulativa. Isto foi realizado ao buscar destacar os subprocessos como a categorização e a legitimação, assim como as práticas de valoração e avaliação. Embora seja prematuro buscar integrar as bibliografias relevantes, a tentativa de oferecer alguma forma para um terreno amplamente desorganizado é certamente um primeiro passo neste processo.

Esta revisão também considerou as heterarquias e as condições que as sustentam. Algumas destas condições são propostas pela bibliografia das práticas de valoração e avaliação – por exemplo, as descobertas de que os *ratings* conduzem mais às heterarquias do que os *rankings*, o qual é soma-zero; de que os campos menos

institucionalizados tendem a utilizar uma gama maior de critérios de avaliação; e de que ao manter uma distinção entre julgamento por gosto e julgamento por especialidade assim como ser atento às consistências nos critérios podem funcionar contra as heterarquias. Eu também fiz alusão às condições institucionais e culturais que podem sustentar uma ampla gama de definições sobre o mérito de um indivíduo [*worthy self*] e as amplas comunidades simbólicas, bem como o pertencimento cultural. Neste caso, é necessário ampliar as pesquisas que busquem documentar especificamente como estas definições são mantidas, com a ajuda de políticas inclusivas e repertórios culturais (HALL & LAMONT, 2013).

A organização deste artigo em torno dos subprocessos e das práticas me levou a negligenciar alguns temas transversais. Eu não abordei a relação entre os subprocessos de categorização e legitimação por um lado e as práticas de valoração e avaliação pelo outro. Assim, pode-se almejar uma conceituação mais completa da relação entre processos e práticas e como os vários tipos de limites operam ao moldá-los (ver BELJEAN, 2012 para orientações de pesquisas futuras).

Novamente, enfatizo a importância da realização de um trabalho cumulativo mais sistemático que agregue as referidas dimensões, caso a literatura em SVA continue a se desenvolver (CHONG, 2011). Atualmente, as questões que estão atraindo interesse são (a) como os gostos compartilhados são formados através das redes (PACHUCKI & BREIGER, 2010) e o impacto de contatos em uma rede prévia sobre os processos e resultados da avaliação, (b) como as representações de valor dos bens simbólicos são transmitidas por gerações através de livros didáticos e

outros mecanismos de difusão até se tornarem parte da memória coletiva do grupo (LANG & LANG, 1988; Ver SANTANA-ACUÑA, 2012 sobre a transformação do livro *Cem Anos de Solidão* de García Márquez em um clássico) e (c) como a construção de comunidades interessadas pode operar como um passo intermediário no processo de avaliação (e.g. IKEGAMI, 2005; MUETZEL, 2011).

Outras questões relevantes incluem saber como os comparáveis são selecionados e quem os seleciona, o impacto da escassez de recursos a serem distribuídos sobre os processos de avaliação, as características da ordem classificatória na qual os itens são categorizados [por exemplo, algo é ou não é amplamente consensual ou contestado, fortemente hierárquico, estável ou apresentando limites porosos (e.g. DIMAGGIO, 1987 sobre as artes)]. Apesar de alguns destes questionamentos serem considerados na literatura atual, eles precisam ser examinados mais detalhadamente em trabalhos futuros que transpassem por diversos campos de atividades. Isto também significa o desenvolvimento de uma SVA comparativa que seja mais geral em suas implicações e aspirações e mais preocupada com os processos sociais fundamentais e com os seus mecanismos.

Para além destes tópicos selecionados, novos caminhos estão surgindo para o desenvolvimento de pesquisas. Por exemplo, precisamos compreender melhor o impacto da informação e da tecnologia da informação na avaliação e na especialização (por exemplo, HEIMER, 2001). A procura por imóveis tem sido radicalmente modificada

pela Internet, já que atualmente é possível realizar uma triagem mais detalhada (STEVENS, 2007) através de listagens múltiplas sem a ajuda de corretores, havendo a necessidade de ajuda destes profissionais somente no momento de se fazer distinções mais particularizadas (RIVERA & LAMONT, 2012). O mesmo se diz para os encontros amorosos, com uma separação mais radical entre uma classificação mais grosseira e uma distinção mais detalhada (STEVENS, 2007) com a ajuda de páginas eletrônicas facilitam os encontros amorosos. Através da análise comparativa, precisamos explorar mais de perto a relação entre a informação que depende de contatos próximos e a informação que depende de uma comunicação mais distante (ROSENTAL, 2005). O fato de informações consideráveis serem universalmente recuperadas por um baixo custo tende a reconfigurar as práticas de valoração e avaliação, inclusive o papel dos não especialistas e da especialidade interacional [*expertise interactional*] no processo (COLLINS & EVANS, 2007). Práticas humanas atemporais como a busca por emprego estão sendo drasticamente alteradas pela Internet. O mesmo é verdade para todas as formas de *ranking* (e.g. JEACLE & CARTER 2011 sobre o *TripAdvisor*). Podemos agora avaliar mais rapidamente e mais exaustivamente do que nunca, mesmo que seja de um modo altamente roteirizado. Mas isto requer uma formatação do indivíduo e uma democratização dos procedimentos que também levam a uma maior padronização (estaria o Homem Unidimensional de Herbert Marcuse à espreita em um segundo plano?).

Apesar do fato de que responder muitas das referidas questões seja desafiador, cabe ressaltar que se referem aos processos fundamentalmente básicos compartilhados por muitos domínios essenciais da vida social, a retribuição poderia ser considerável e o esforço, bastante gratificante.

Afirmação Final

A autora não tem conhecimento de nenhuma afiliação, pertencimento, fundos ou financiamento que poderiam ser considerados como elementos que afetam a objetividade desta revisão.

Agradecimentos

Esta revisão foi esquematizada quando eu era professora visitante no grupo de pesquisa em “Cultural Sources of Newness” no Wissenschaftszentrum Berlin für Sozialforschung (WZB) no verão de 2011. Eu agradeço a Michel Hutter e outros membros do WZB pelas discussões estimulantes sobre avaliação. Eu também fui beneficiada com os comentários recebidos na conferência “Evaluation Processes in Contemporary Societies” organizada por Gert Verschraegen e Rudi Laermans na Universidade Católica de Leuven, na Bélgica, em maio de 2011. A revisão se beneficiou com trocas de conhecimento anteriores com Ezra Zuckerman. Ela foi revisada baseada em conversas com o grupo de leitura sobre a avaliação, o qual se deu no departamento de sociologia da Universidade de Harvard durante o outono de 2011. Eu gostaria de agradecer em particular os seguintes comentários por escrito dos membros deste grupo: Stefan Beljean, Nicolas Dodier, Camille Hamidi, Mathieu Hauchecorne, Michael Sauder e Ori Schwarz. Eu também fui beneficiada

com os comentários de pesquisadores que trabalham nos campos de conhecimento discutidos aqui: Jens Beckert, Phillipa Chong, Frank Dobbin, Marion Fourcade, Mary Ann Glynn, Neil Gross, Antoine Hennion, Michael Hutter, Lucien Karpik, Sophie Muetzel, Christine Musselin, Lauren Rivera, Claude Rosental, Alvaro Santana-Acuña, Mike Savage, Mitchell Stevens e Viviana Zelizer. Finalmente, agradeço a Joyce Liu pela sua assistência a este projeto e a Travis Clough pela sua assistência técnica.

3. Referências Bibliográficas

- ABBOTT, A. Status and status strain in the professions, **Am. J. Sociol.**; n.86, pp. 819–35, 1981.
- ALLEN, M. P; PARSONS, N. L. The institutionalization of fame: achievement recognition and cultural consecration in baseball, **Am. Sociol. Rev.**; n.71, pp. 808–25, 2006.
- ASHMORE, R. D; DEAUX, K; MCLAUGHLIN-VOLPE, T. An organizing framework for collective identity: articulation and significance of multidimensionality, **Psychol. Bull.**; n.130, pp. 80–114, 2004.
- ASPERS, P. **Orderly Fashion: A Sociology of Market**, Princeton, NJ: Princeton Univ. Press, 2010.
- BAIL, C. The configuration of symbolic boundaries against immigrants in Europe, **Am. Sociol. Rev.**; n. 73, pp. 37– 59, 2008.
- BARBOT, J; DODIER, N. De la douleur au droit. Ethnographie des plaidoiries lors de l’audience pénale du procès de l’hormone de croissance contaminée. In CEFAÏ, D;

- BERGER, M; GAYET-VIAUD, C. **Du Civil au Politique: Ethnographies du Vivre Ensemble**, pp. 289–322, Bruxelles: Peter Lang, 2011.
- BAUMANN, S. **Hollywood Highbrow: How Film Came to Be Seen as Art**, Princeton, NJ: Princeton Univ. Press, 2007.
- BECKER, H. **Art Worlds**, Berkeley: Univ. Calif. Press, 1982.
- BECKERT J. **Inherited Wealth**, Princeton, NJ: Princeton Univ. Press, 2008.
- BECKERT, J; ASPERS, P. Eds. **The Worth of Goods: Valuation and Pricing in the Economy**, New York: Oxford Univ. Press, 2011.
- BELJEAN, S. Sociological research on evaluation: a review and synthesis of the literature, **Work. Pap**; Dep. Sociol; Harvard Univ; Cambridge, MA, 2012.
- BLOKKER, P. Pragmatic sociology: theoretical evolvment and empirical application, **Eur. J. Soc. Theory**, n.14, pp. 251–61, 2011.
- BOLTANSKI, L. Domination revisited: from the French critical sociology of the 1970s to present-day pragmatic sociology. Grad. Fac. Philos. **J. New Sch. Soc. Res**, n. 29, pp. 27–70, 2008.
- BOLTANSKI, L; THÉVENOT, L. Finding one's way in social space: a study based on games, **Soc. Sci. Inf**; n. 22, pp. 631–80, 1983.
- _____. **On Justification: Economies of Worth**, Princeton, NJ: Princeton Univ. Press, 2006 (1991).
- BORTOLINI, M. The trap of intellectual success Robert N. Bellah, the American civil religion debate, and the sociology of knowledge, **Theory Soc**, v.2, n. 41, pp. 187–210, 2012.
- BOSCHETTI, A. **Sartre et Les Temps Modernes**, Paris: Minuit, 1985.
- BOURDIEU, P. **Distinction: A Social Critique of the Judgment of Taste**, Cambridge, MA: Harvard Univ. Press, 1984 (1979).
- _____. **The Field of Cultural Production**, New York: Columbia Univ. Press, 1993.
- BRYSON, B. Anything but heavy metal, **Am. Sociol. Rev**, n. 61, pp. 884–99, 1996.
- CALLON, M; MÉADEL, C; RABEHARISOA, V. The economy of qualities, **Econ. Soc**, v.2, n. 31, pp. 194–217, 2002.
- CAMIC, C; GROSS, N; LAMONT, M. Eds. **Social Knowledge in the Making**, Chicago: Univ. Chicago Press, 2011.
- CAMPBELL, J. L. Mechanisms of evolutionary change in economic governance: interaction, interpretation and bricolage, In MAGNUSSON, L. OTTOSSON, J. **Evolutionary Economics and Path Dependence**, pp. 10–32. Cheltenham, UK: Edward Elgar, 1997.
- CARRUTHERS, B. G; HALLIDAY, T. C. **Rescuing Business: The Making of Corporate Bankruptcy Law in England and the United States**, Oxford: Clarendon, 1998.

- CARRUTHERS, B. G; STINCHCOMBE, A. L. The social structure of liquidity: flexibility markets and states, **Theory Soc**, n. 28, pp. 353–82, 1999.
- CARTER, P. **Stubborn Roots: Cultivating Cultural Flexibility and Equity in US and South African Schools**, New York: Oxford Univ. Press, 2012.
- CEFAI, D. Looking (desperately?) for cultural sociology in France, *Culture. Newsl. Am. Sociol. Assoc. Sociol. Cult*, 2009. May. Disponível em: <http://www.ibiblio.org/culture/?q=node/2>
- CHONG, P. Reading difference: how race and ethnicity function as tools for critical appraisals, **Poetics**, n. 39, pp. 64–84, 2011.
- COLLINS, H; EVANS, R. **Rethinking Expertise**, Chicago: Univ. Chicago Press, 2007.
- COLLINS, R. **The Sociology of Philosophies**, Princeton, NJ: Princeton Univ. Press, 1998.
- _____. **Interaction Chain Rituals**, Princeton, NJ: Princeton Univ. Press, 2004.
- CORRELL, S. J; RIDGEWAY, C. L. Expectation states theory, In DELAMATER, J, **Handbook of Social Psychology**, pp. 29–51. New York: Springer, 2003.
- CORSE, S. M; GRIFFIN, M. D. Cultural valorization and African American literary history: reconstructing the canon, **Sociol. Forum**, n. 12, pp. 1733–203, 1997.
- DASTON, L; GALISON, P. **Objectivity**, New York: Zone, 2007.
- DIERKES, J; BRAY, M. **Supplementary education in Asia**, *Int. Inst. Asian Stud. Newsl*, n. 56, pp. 13–28, 2011. Disponível em: http://issuu.com/ias/docs/ias_nl_56
- DIMAGGIO, P. Cultural entrepreneurship in nineteenth-century Boston: the creation of an organizational base for high culture in America, **Media Cult. Soc**; n. 4, pp. 33–50, 1982.
- _____. Classification in art. **Am. Sociol. Rev**; n. 52, pp. 440–55, 1987.
- _____. Cognition and culture, **Annu. Rev. Sociol**, n. 23, pp. 263–87, 1997.
- DIMAGGIO, P; MARKUS, H. Culture and social psychology: converging perspectives, **Soc. Psychol. Q**, n. 3, pp. 347– 52, 2010.
- DJELIC, M. L. **Exporting the American Model: The Post-War Transformation of European Business**, Oxford: Oxford Univ. Press, 2001.
- DOBBIN, F. Cultural models of organization: the social construction of rational organizing principles, In CRANE, D. **The Sociology of Culture: Emerging Theoretical Perspectives**, pp. 117–41, Oxford: Basil Blackwell, 1994.
- _____. **Forging Industrial Policy: The United States, Britain, and France in the Railway Age**, New York: Cambridge Univ. Press, 1997.
- DOWD, T. J; LIDDLE, K; LUPO, K; BORDEN, A. Organizing the musical canon: the repertoires of major U.S. symphony orchestras, 1842 to 1969, **Poetic**, n. 30, pp. 35–61, 2002.

- ELIASOPH, N. **Making Volunteers: Civic Life After Welfare's End**, Princeton, NJ: Princeton Univ. Press, 2011.
- ELSTER, J. **Local Justice: How Institutions Allocate Scarce Goods and Necessary Burdens**, New York: Russell Sage Found, 1992.
- ESPELAND, W. N. **The Struggle for Water: Politics, Rationality, and Identity in the American Southwest**, Chicago: Univ. Chicago Press, 1998.
- ESPELAND, W. N.; SAUDER, M. Rankings and reactivity: how public measures recreate social worlds, **Am. J. Sociol**; n. 113, pp. 1–40, 2007.
- ESPELAND, W. N.; STEVENS, M. Commensuration as a social process, **Annu. Rev. Sociol**; n. 24, pp. 313–43, 1998.
- _____. A sociology of quantification, **Eur. J. Sociol**; n. 49, pp. 401–36, 2008.
- FANG, Q; LIFANG, X; XIAOCHUAN, L. Peer-review practice and research for academic journals in China, **J. Sch. Publ**; n. 39, pp. 417–27, 2008.
- FISKE, S. T; TAYLOR, S. E. **Social Cognition**, New York: McGraw-Hill, 1991.
- FOURCADE, M. Cents and sensibility: economic valuation and the nature of “nature.” **Am. J. Sociol**; n. 116, pp. 1721–77, 2011.
- FOURCADE, M, HEALY, K. Moral view of market society, **Annu. Rev. Sociol**; n. 33, pp. 285–311, 2007.
- FRANK, R. A. **Winner-Take-All Society**, New York: Free Press, 1995.
- FRICKEL, S; GROSS, N. A general theory of scientific/intellectual movements, **Am. Sociol. Rev**; n. 70, pp. 204–32, 2005.
- FRIEDLAND, R; ALFORD, R. R. Bringing society back in symbolic practices and institutional contradictions, In POWELL, W.W; DIMAGGIO, P. J. **The New Institutionalism in Organizational Analysis**, pp. 212–66. Chicago: Univ. Chicago Press, 1991.
- FUJIMURA, J. The molecular biological bandwagon in cancer research: where social worlds meet, **Soc. Probl**; n. 35, pp. 261–83, 1988.
- GARFINKEL, H. **Studies in Ethnomethodology**; Englewood Cliff, NJ: Prentice Hall, 1967.
- GREENFELD L. Professional ideology and patterns of gate-keeping: evaluation and judgment within two art worlds, **Soc. Forces**, n. 66, pp. 903–25, 1988.
- GRISWOLD, W. The fabrication of meaning: literary interpretation in the United States, Great Britain, and the West Indies, **Am. J. Sociol**; n. 92, pp. 1077–1, 1987.
- GROSS, N. Pragmatism and phenomenology in 20th-century American sociology, In CALHOUN, C. **Sociology in America: A History**, pp. 183–224. Chicago: Univ. Chicago Press, 2007.
- _____. **Richard Rorty: The Making of an American Philosopher**, Chicago: Univ. Chicago Press, 2008.

_____. A pragmatist theory of social mechanisms, **Am. Sociol. Rev.**; n. 74, pp. 358–79, 2009.

GUGLIELMO, J; SALERNO, S. **Are Italians White?** How Race Is Made in America, New York: Routledge, 2003.

HALL, P. A. Tracing the progress of progress tracing, **Eur. Polit. Sci.**; March: 1–11, 2012.

HALL, P. A; LAMONT, M. eds. **Social Resilience in the Neo-Liberal Age**, New York: Cambridge Univ. Press. In press, 2013.

HANNAN, M. T; PÓLOS, L; CARROLL, G. R. **Logics of Organization Theory: Audiences, Codes, and Ecologies**, Princeton, NJ: Princeton Univ. Press, 2007.

HEIMER, C. Cases and biographies: an essay on routinization and the nature of comparison, **Annu. Rev. Sociol.**; n. 27, pp. 47–76, 2001.

_____. **The Glory of Van Gogh**, Princeton, NJ: Princeton Univ. Press, 1997.

_____. **Le Triple Jeu de l'Art Contemporain: Sociologie des Arts Plastiques**, Paris: Minuit, 1998.

_____. **L'Epreuve de la Grandeur**, Paris: Découverte, 2007.

_____. **La Fabrique du Patrimoine: De la Cathédrale a la Petite Cuillère**, Paris: Maison Sci. l'Homme, 2009.

_____. Pragmatics of taste, In JACOB, M; HANRAHAN, N, **Blackwell Companion to the Sociology of Culture**, pp. 131–45. London: Blackwell, 2004.

_____. Those things that hold us together: taste and sociology, **Cult. Sociol.**; n. 1, pp. 97–114, 2007.

_____. Attachment, you say . . . ? How a concept collectively emerges in one research group. **Work. Pap; Cent. Sociol. L'Innov.**; École Des Mines, Paris, 2011.

HITLIN, S; VAISEY, S, eds. **Handbook of the Sociology of Morality**, New York: Springer, 2010.

HUTTER, M; THROSBY, D, eds. **Beyond Price: Value in Culture, Economics, and the Arts**, New York: Cambridge Univ. Press, 2008.

IKEGAMI, E. **Bonds of Civility: Aesthetic Networks and the Political Origins of Japanese Culture**, Cambridge, UK: Cambridge Univ. Press, 2005.

ILLOUZ, E. **Oprah Winfrey and the Glamour of Misery: An Essay on Popular Culture**, New York: Columbia Univ. Press, 2003.

JANSSEN, S. Reviewing as social practice: institutional constraints on critics' attention for contemporary fiction, **Poetics**, n. 24, pp. 275–97, 1997.

JEACLE, I; CARTER, C; In TripAdvisor we trust: rankings, calculative regimes and abstract systems, **Acc. Organ. Soc.**, n. 36, pp. 293–309, 2011.

JOHNSON, C; DOWD, T. J; RIDGEWAY, C. L; Legitimacy as a social process, **Annu. Rev. Sociol.**, n. 32, pp. 53–78, 2006.

KAHNEMAN, D; TVERSKY, A. Prospect theory: an analysis of decision under risk, **Econometrica**, n. 47, pp. 263–91, 1979.

- KARPIK, L. **Valuing the Unique: The Economics of Singularity**, Princeton, NJ: Princeton Univ. Press, 2010.
- KNORR-CETINA, K. **Epistemic Cultures: How the Sciences Make Knowledge**, Cambridge, MA: Harvard Univ. Press, 1999.
- LAHIRE, B; ROSENTAL, C. eds. **La Cognition au Prisme des Sciences Sociales**, Paris: Arch. Contemp, 2008.
- LAMONT, M. How to become a dominant French philosopher: the case of Jacques Derrida, **Am. J. Sociol**, n. 93, pp. 584–622, 1987.
- _____. **Money, Morals, and Manners: The Culture of the French and the American Upper-Middle Class**, Chicago: Univ. Chicago Press, 1992.
- _____. **The Dignity of Working Men: Morality and the Boundaries of Race, Class, and Immigration**, Cambridge, MA: Harvard Univ. Press/ New York: Russell Sage Found, 2000.
- _____. **How Professors Think: Inside the Curious World of Academic Judgment**, Cambridge, MA: Harvard Univ. Press, 2009.
- LAMONT, M; FLEMING, C; WELBURN, J. **Responses to discrimination and social resilience under neo-liberalism: the case of Brazil, Israel and the United States**, See Hall & Lamont 2013. In press, 2013.
- LAMONT, M; HUUTONIEMI; K. **Comparing customary rules of fairness: evaluative practices in various types of peer review panels**, See Camic et al. 2011, pp. 209–32, 2011.
- LAMONT, M; MIZRACHI, N; Ordinary people doing extraordinary things: responses to stigmatization in comparative perspectives, **Ethn. Racial Stud**; n. 35, pp. 365–81, 2012.
- LAMONT, M; MOLNAR, V. The study of boundaries in the social sciences, **Annu. Rev. Sociol**; n, 28, pp. 167–95, 2002.
- LAMONT, M; SMALL, M. L; How culture matters: enriching our understandings of poverty, In HARRIS, D, LIN, A **The Colors of Poverty: Why Racial and Ethnic Disparities Persist**, pp. 76–102. New York: Russell Sage Found, 2008.
- LAMONT, M; THÉVENOT, L. **Rethinking Comparative Cultural Sociology: Repertoires of Evaluation in France and the United States**, Cambridge, UK: Cambridge Univ. Press/ Paris: Maison Sci. l’Homme, 2000.
- LANG, G. E; LANG, K. Recognition and renown: the survival of artistic reputation, **Am. J. Sociol**; n, 94, pp.79–109, 1988.
- LAREAU, A. **Unequal Childhood: Class, Race, and Family Life**, Berkeley: Univ. Calif. Press, 2003.
- LASCOUMES, P; LE GALÈS, P. **Gouverner par les Instruments**, Paris: Sci. Po, 2005.
- LATOUR, B. **The Pasteurization of France**, Cambridge, MA: Harvard Univ. Press, 1988.
- _____. **Reassembling the Social: An Introduction to Actor-Network-Theory**, New York: Oxford Univ. Press, 2005.

LEMIEUX, C. **Mauvaise Presse**: Une Sociologie Compréhensive du Travail Journalistique et de ses Critiques, Paris: Métailié, 2000.

_____. **Le Devoir et la Grâce**: Pour une Analyse Grammaticale de l'Action, Paris: Economica, 2009.

LOUNSBURY, M. A tale of two cities: competing logics and practice variation in the professionalizing of mutual funds, **Acad. Manag. J.**; n, 50, pp. 289–307, 2007.

MALLARD, G; LAMONT, M; GUETZKOW, J. Fairness as appropriateness: negotiating epistemological differences in peer review, **Sci. Technol. Hum. Values**; n. 34, pp. 573–60, 2009.

MCPHERSON, C. M; SAUDER, M. Tools of the trades: how institutional logics work on the ground, **Presented at Davis Conf. Qual. Res**; Davis, CA, March 23, 2012.

MEYER, J. W; RAMIREZ, F. O; FRANK, D. J; SCHOFER, E. Higher education as an institution, In GUMPORT, P.J. **Sociology of Higher Education**: Contributions and Their Contexts, pp. 187–221. Baltimore, MD: Johns Hopkins Univ. Press, 2007.

MOERAND, B; PEDERSON, J. S. **Negotiating Values in the Creative Industries**: Fairs Festivals and Competitive Events, New York: Cambridge Univ. Press, 2011.

MUETZEL, S. Newness and collaborative category construction from stories, Presented at the **EGOS Meet**; Canary Islands, Spain, 2011.

MURRAY, F. The oncomouse that roared: hybrid exchange strategies as a source of

productive tension at the boundary of overlapping institutions, **Am. J. Sociol**; n, 116, pp. 341–88, 2010.

MUSSELIN, C. **The Market for Academics**, London: Routledge, 2009.

NAVIS, C; GLYNN, M. A. How new market categories emerge: temporal dynamics of legitimacy, identity and entrepreneurship in satellite radio, 1990–2005, **Am. Sci. Q.**; n, 55, pp. 439–71, 2010.

NEGRO, G; KOC, AK, O; HSU, G. Research on categories in the sociology of organizations, **Res. Soc. Organ**; n, 31, pp. 3–35, 2010.

PACHUCKI, M; BREIGER, R. L. Cultural holes: beyond relationality in social networks and culture, **Annu. Rev. Sociol**; n. 36, pp. 205–24, 2010.

PACHUCKI, M; PENDERGRASS, S; LAMONT, M. Boundary processes: recent theoretical developments and new contributions, **Poetics**, n. 35, pp. 331–51, 2007.

PERRIN, A.J. **Citizen Speak**: The Democratic Imagination in American Life, Chicago: Univ. Chicago Press, 2006.

PODOLNY, J. **Status Signal**: A Sociological Study of Market Competition, Princeton, NJ: Princeton Univ. Press, 2008.

POWER, M. **The Audit Society**: Rituals of Verification, London: Oxford Univ. Press, 1997.

PRASAD, M; PERRIN, A; BEZILA, K; HOFFMAN, SG; KINDLEBERGER, K, et al. The undeserving rich: “moral values” and

- the white working class, **Sociol. Forum**, n. 24, pp. 225–53, 2009.
- RAO, H. Firms as interfirm context: the social shaping of business strategy, In BAUM, J. A. DUTTON, J. **Advances in Strategic Management**, n. 13, pp. 407–15. Greenwich, CT: JAI, 1996.
- RAO, H; DURAND, R; MONIN, P. Border crossing: bricolage and the erosion of categorical boundaries in French gastronomy, **Am. Sociol. Rev.**; n. 70, pp. 968–91, 2005.
- REGEV, M; SEROUSSI, E. **Popular Music and National Culture in Israel**, Berkeley: Univ. Calif. Press, 2004.
- RIDGEWAY, C. Status construction theory. In BURKE, P. J. **Contemporary Social Psychological Theory**, pp. 301–23. Stanford, CA: Stanford Univ. Press, 2006.
- RIVERA, L. Ivies, extracurriculars, and exclusion: elite employers' use of educational credentials, **Res. Soc. Stratif. Mobil.**; n. 29, pp. 71–90, 2011.
- RIVERA, L; LAMONT, M. Price *versus* pets, schools *versus* styles: the residential priorities of the American upper-middle class, Presented at **2012 Meet. East. Sociol. Soc.**; New York, 2012.
- RITVO, H. **The Animal Estate**: The English and Other Creatures in the Victorian Age, Cambridge, MA: Harvard Univ. Press, 1989.
- ROSENTAL, C. Making science and technology results public: a sociology of demos, In LATOUR, B; WEIBEL, P. **Making Things Public**: Atmospheres of Democracy, pp. 346–49. Cambridge, MA: MIT Press, 2005.
- _____. **Democracy in Europe**: Culture and Politics of Public Demonstrations, Paris: Inst. Marcel Mauss/CEMS, 2011a.
- _____. **Eco-Demos**: Using Public Demonstrations to Influence and Manage Environmental Choices and Politics, Paris: Inst. Marcel Mauss/CEMS, 2011b.
- SALAIS, R; CHATEL, E; RIVAUD-DANSET, D. eds. **Institutions et Conventions**: La Réflexivité de L'Action Économique, Paris: EHESS, 1998.
- SALGANIK, M. J; DODDS, P. S; WATTS, D, J. Experimental study of inequality and unpredictability in an artificial cultural market, **Science**, n. 311, pp. 854–56, 2006.
- SALMI, J. **The Challenge of Establishing World-Class Universities**, Washington, DC: World Bank, 2009.
- SANTANA-ACUNÃ, A. How a literary book becomes a classic: the case of Garc'ia Marquez's' One Hundred Years of Solitude, Work. Pap., **Cult. Soc. Anal. Workshop**; Dep. Sociol; Harvard Univ., Cambridge, MA, 2012.
- SANTORO, M. Constructing an artistic field as a political project: lessons from La Scala, **Poetics**, n. 38, pp. 6534–54, 2010.
- SAUDER, M. Third parties and status systems: how the structures of status systems matter, **Theory Soc**; n. 35, pp. 299–321, 2006.

- SCHUDSON, M. How culture works: perspectives from media studies on the efficacy of symbols, **Theory Soc**; n. 18, pp.153–80, 1989.
- SCHWARTZ, D. **Culture and Power: The Sociology of Pierre Bourdieu**, Chicago: Univ. Chicago Press, 1997.
- SHAPIN, S. **A Social History of Truth: Civility and Science in Seventeenth-Century England**, Chicago: Univ. Chicago Press, 1994.
- _____. The sciences of subjectivity, **Soc. Stud. Sci**; v. 2 n. 42, pp. 170–84, 2012.
- SHRUM, W. Critics and publics: cultural mediation in highbrow and popular performing arts, **Am. J. Sociol**; n. 97, pp. 347–75, 1991.
- SILBER, I. F. Pragmatic sociology as cultural sociology: beyond repertoire theory?, **Eur. J. Soc. Theory**, n. 6, pp. 427–49, 2003.
- SMITH, C. **Auctions: The Social Construction of Value**, Berkeley: Univ. Calif. Press, 1990.
- SNOW D, A; MORRILL C; ANDERSON L. Elaborating analytic ethnography. **Ethnography**, v. 2, n. 4, pp. 181–200, 2003.
- SOMERS, M; BLOCK, F. From poverty to perversity: ideas, markets and institutions over 200 years of welfare Debate, **Am. Sociol. Rev**; v. 2, n. 70, pp. 260–87, 2005.
- SPATES, J. L. The sociology of values, **Annu. Rev. Sociol**; n. 9, pp. 27–49, 1983.
- STARK, D. **The Sense of Dissonance**, Princeton, NJ: Princeton Univ. Press, 2009.
- STEVENS, M. L. **Creating a Class: College Admissions and the Education of Elites**, Cambridge, MA: Harvard Univ. Press, 2007.
- STRANG, D; MACY, M. W. In search of excellence: fads, success stories, and adaptive emulation, **Am. J. Sociol**; n. 107, pp. 147–82, 2001.
- STRATHERN, M. **Audit Cultures: Anthropological Studies in Accountability Ethics and the Academy**, London: Routledge, 2000.
- THÉVENOT, L. **L’Action au Pluriel: Sociology des Regimes d’Engagement**, Paris: Decouverte, 2006.
- THORNTON, P. H; OCASIO, W. Institutional logics and the historical contingency of power in organizations: executive succession in the higher education publishing industry, 1958–1990; **Am. J. Sociol**; v.3, n. 105, pp. 801–43, 1999.
- THORNTON, P. H, OCASIO, W. Institutional logics, In GREENWOOD, R; OLIVER, C; ANDERSEN, S. K; SUDDABY, R, **Handbook of Organizational Institutionalism**, pp. 99–129. Thousand Oaks, CA: Sage, 2008.
- THORNTON, P. H; OCASIO, W; LOUNSBURY, M. **The Institutional Logics Perspective: A New Approach to Culture, Structure, and Process**, New York: Oxford Univ. Press, 2012.
- TILLY, C. To explain political processes, **Am. J. Sociol**; n. 100, pp. 1594–610, 1995.
- _____. **Explaining Social Processes**, New York: Paradigm, 2008.

- TIMMERMANS, S; EPSTEIN, S. A world of standards but not a standard world: toward a sociology of standards and standardization, **Annu. Rev. Sociol**; n. 36, pp. 69–89, 2010.
- VAISEY, S. Motivation and justification: a dual-process model of culture in action, **Am. J. Sociol**; n. 114, pp.1675– 715, 2009.
- VATIN, F. **Evaluer et Valoriser**: Une Sociologie Économique de la Mesure, Toulouse: Presse Univ. Mirail, 2009.
- VELTHUIS, O. **Talking Prices**: Symbolic Meanings of Prices on the Market for Contemporary Art, Princeton, NJ: Princeton Univ. Press, 2005.
- WAGNER, P. After justification: repertoires of evaluation and the sociology of modernity, **Eur. J. Soc. Theory**, n. 2, pp. 341–57, 1999.
- WALZER, M. **Spheres of Justice**: A Defense of Pluralism and Equality, New York: Basic Books, 1983.
- WEBER, M. **Economy and Society**: An Outline of Interpretive Sociology, Berkeley: Univ. Calif. Press, 1978.
- WIMMER, A. The making and unmaking of ethnic boundaries: a multilevel process theory, **Am. J. Sociol**; n. 113, pp. 970–1022, 2008.
- _____. **Ethnic Boundary Making**: Institutions, Power, Networks, New York: Oxford Univ. Press. In press, 2013.
- WUTHNOW, R. **Communities of Discourse**: Ideology and Social Structure in the Reformation, the Enlightenment, and European Socialism, Cambridge, MA: Harvard Univ. Press, 1989.
- ZELIZER, V. A. **Morals and Markets**: The Development of Life Insurance in the United States, New York: Columbia Univ. Press, 1979.
- _____. **Pricing the Priceless Child**: The Changing Value of Children, Princeton, NJ: Princeton Univ. Press, 1994.
- _____. **Economic Lives**: How Culture Shapes the Economy, Princeton, NJ: Princeton Univ. Press, 2011.
- _____. How I became a relational economic sociologist and what does that mean?, **Polit. Soc**; In press, 2012.
- ZHOU, X. The institutional logic of occupational prestige *ranking*: reconceptualization and reanalyses, **Am. J. Sociol**; n.111, pp. 90–140, 2005.
- ZUCKERMAN, E. W. The categorical imperative: securities analysts and the illegitimacy discount, **Am. J. Sociol**; n. 104, pp. 1398–438, 1999.
- _____. What if we had been in charge? The sociologist as builder of rational institutions, In LOUNSBURY, M; HIRSCH, P. M. **Markets on Trial**: The Economic Sociology of the US Financial Crisis: Part B, Vol. 30, Research in the Sociology of Organizations, pp. 359–78. Bingley, UK: Emerald Group, 2010.
- _____. Construction, concentration, and (dis)continuities in social valuation, **Annu. Rev. Sociol**; n. 38, In press 2012.

Em direção a uma sociologia comparativa da valoração e da avaliação

Resumo: Esta revisão discute as pesquisas Europeias e dos Estados Unidos no âmbito da Sociologia da Valoração e Avaliação (SVA), um tópico de pesquisa que têm atraído muita atenção nos últimos anos. O objetivo é colocar diferentes pesquisas em diálogo com o intuito de estimular uma construção teórica cumulativa. Isto é feito ao focar (a) nos subprocessos como a categorização e a legitimação, (b) nas condições que sustentam as heterarquias e (c) nas práticas de valoração e avaliação. O artigo faz uma revisão desta literatura e apresenta caminhos para uma agenda de pesquisa futura.

Palavras-chave: *worth*; valor; práticas de avaliação; processos sociais; heterarquias.

Toward a Comparative Sociology of Valuation and Evaluation

Abstract: This review discusses North American and European research from the sociology of valuation and evaluation (SVE), a research topic that has attracted considerable attention in recent years. The goal is to bring various bodies of work into conversation with one another in order to stimulate more cumulative theory building. This is accomplished by focusing on (a) subprocesses such as categorization and legitimation, (b) the conditions that sustain heterarchies, and (c) valuation and evaluative practices. The article reviews these literatures and provides directions for a future research agenda.

Keywords: *worth*; value; evaluative practices; social processes; heterarchies.